

Texto apresentado por Luiz Paulo Horta em 15/04/2009 no IHGB, na Sessão Comemorativa do Nascimento de Dom Helder Camara

Foi uma idéia feliz do Instituto Histórico realizar essa mesa-redonda sobre D.Helder Câmara, talvez a figura mais carismática do catolicismo brasileiro no século XX. Não havia quem chegasse perto dele que não fosse contagiado por aquela luz, por aquele entusiasmo, pela soma de qualidades de quem era ao mesmo tempo um homem de ação e um verdadeiro homem de Deus.

Nós podemos falar, no caso de D.Helder, de um talento precoce. Em 1923, aos 14 anos, ele já estava no Seminário Diocesano de Fortaleza, onde estudou filosofia e teologia. Foi ordenado padre aos 22 anos, com autorização especial da Santa Sé, por ser muito moço. No mesmo ano, 1931, ele criou a Legião Cearense do Trabalho, e em 1933 fundou a Sindicalização Operária Feminina Católica, que congregava as lavadeiras, passadeiras e empregadas domésticas. Não é o que se poderia chamar de uma coisa profética?

Muito cedo, ele estava envolvido com as políticas educacionais do estado do Ceará, onde chegou a dirigir o departamento de Educação. Para aprofundar seus estudos nessa área, foi transferido em 1936 para o Rio de Janeiro, cidade que ele ia transformar em coisa tão sua.

Foi nesse período que ele sentiu a atração do Integralismo, com seu lema Deus, Pátria, Família. Era uma coisa que estava no ar, a organização das massas, um projeto nacionalista - tudo o que Getúlio Vargas ia explorar logo em seguida. Alceu Amoroso Lima, Santiago Dantas, foram figuras ilustres que também sentiram essa atração. Mas D.Helder acabou por se afastar, ao sentir as implicações partidárias e ideológicas de tudo aquilo.

Em 1952, aos 43 anos, D.Helder já era bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Ele vai entrar numa de suas fases mais ativas. Em 1950, já estivera em contato com o então subsecretário de Estado do Vaticano, Mons.Giovanni Battista Montini - o futuro papa Paulo VI - no sentido de organizar uma espécie de colegiado dos bispos brasileiros. Até então, as nossas dioceses tinham um caráter meio feudal, cada bispo mandava na sua, e não havia muita conversa entre eles. Em 1952, surgia a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, de que D.Helder era o verdadeiro espírito organizador. Ele foi secretário geral da CNBB até 1964. O mesmo Mons. Montini aprovou a criação, em 1955, do Conselho Episcopal Latino-Americano - Celam -, outro espaço de atuação de D.Helder.

Uma das realizações mais conhecidas de D.Helder foi o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, realizado em 1955 no Aterro do Flamengo, que ainda era, então, um vasto areal. Foi um sucesso de público e de crítica. E ali aconteceu um desses momentos que definem uma vida. Os prelados de fora viram o trabalho de D.Helder, souberam quem estava por trás daquela vasta organização. E o cardeal Gerlier, francês, acabou por se dirigir a ele, dizendo: "Eu vi o seu trabalho. Eu tenho experiência em organização de eventos. E eu lhe digo: por que você não põe todo esse talento de organizador a serviço dos pobres? Você sabe que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do mundo. Mas essas favelas são um insulto ao Criador..."

Segundo está relatado no livro "Les conversions d'un évêque", de José de Broucker, D.Helder respondeu: "Esse momento é uma virada na minha vida. O Sr verá que eu me consagrarei aos pobres. Não estou convencido da capacidade de organização de que o Sr. fala. Mas garanto que todos os dons que o Pai me confiou eu os porei a serviço dos pobres".

Ele ia honrar essa palavra. Além do carisma de D.Helder, pode-se dizer que a contribuição que ele trouxe à Igreja brasileira foi fazer dela uma Igreja atenta aos pobres, comprometida com o drama da pobreza. Em 1956 ele fundou a Cruzada de S. Sebastião, para abrigar os favelados que tinham sido removidos da Praia do Pinto. Outra de suas obras foi o Bando da Providência, que funcionava acoplado à Feira da Providência, um ajudando o outro. E, de novo, foi uma história de sucesso.

O compromisso social entrava, assim, na Igreja brasileira, de um modo que já anunciava o Concílio Vaticano II, as encíclicas sociais de João XXIII e Paulo VI, os encontros de Puebla e Medellín. D.Helder está na origem dessa movimentação; e, não por acaso, ele desempenharia um papel de destaque no Concílio Vaticano II.

Nós temos agora a narração do que foram aquelas movimentadas sessões do Concílio, inclusive porque D.Helder encarregou-se de escrever para os seus amigos uma espécie de diário do Concílio.

Na contramão do seu temperamento animado e otimista, ele sente angústias. Choca-se com a pompa romana, com o fato de que tudo se discute intra-muros, entre os príncipes da Igreja. Tem visões aflitivas; imagina um diálogo com os que estão fora da Igreja. Aflige-se com a condição dos ateus, aos quais o católico tradicional pode afastar com as suas certezas, com o seu dogmatismo.

Ele não aparece em primeiro plano. Mas está sempre conversando, articulando. Uma das características do "padrezinho", como o chamavam alguns de seus amigos, era uma enorme vocação de político, como bom cearense que ele era, conterrâneo do padre Cícero. E os bem informados, no Concílio, sabiam que ele tinha parte em muitas resoluções. O padre Caporale, jesuíta americano, escreveu na ocasião: "Esse homenzinho afável e sorridente, que surpreende, por sua simplicidade, os observadores não prevenidos, foi um dos mais notáveis organizadores de todo o episcopado católico".

Ele mesmo dizia: "Para ajudar o Concílio, não é preciso fazer uso da palavra na basílica. O que mais me alegra é o fato de eu não aparecer naquilo que se faz no Concílio e na Igreja. Não falo nas plenárias, não pertença a nenhuma comissão". Esse é D.Helder, o grande organizador, o grande aglutinador, agindo nos bastidores, de pessoa a pessoa.

O conhecido padre Comblin comentou: "Ele sabia que sua influência seria muito maior se permanecesse oculto. Ele queria se esconder, e conseguia. Frequentemente, seus próprios colegas ignoravam de onde vinham as proposições que eles votavam.

E foi assim que, insatisfeito com o que se fez, que ele achava pouco, D.Helder participou do grande sopro de renovação que partiu do Concílio. Em vários aspectos ele viu mais longe, ou viu antes. Por exemplo, um dos problemas das hostes eclesiais era

justamente não contar senão com sacerdotes. Falta-nos convocar leigos, ele dirá. Outra falha: raciocinar sempre, ou principalmente, de um ponto de vista europeu. Ele diz, sobre o padre Martimort, especialista em liturgia: "É fácil verificar até que ponto um homem como ele é marcado pelo ocidentalismo". Uma de suas idéias era estimular encontros internacionais de teólogos. E, em terceiro lugar, ele observava: "Como os teólogos, mesmos os maiores, permanecem nas nuvens! Como o contato com a realidade lhes faz falta!" O sonho de D.Helder era que eles pudessem conhecer o Nordeste brasileiro.

Ele teve parte no que se chamou de Pacto das Catacumbas, um documento assinado por cerca de 40 padres conciliares no dia 16 de novembro de 1965, nas catacumbas romanas. Diz o texto: "Nós, bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, tendo aberto os olhos sobre as falhas de nossa vida de pobreza conforme o Evangelho, encorajados uns pelos outros, num encaminhamento no qual cada um de nós quer evitar a singularidade e a presunção, unidos a todos os irmãos no episcopado, contando principalmente com a graça de Deus e com a força de N.S.Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses, colocando-nos pelo pensamento e pela oração diante da Santíssima Trindade, nos comprometemos com aquilo que segue ...".

Mencionavam-se então sete compromissos: viver conforme o modo normal de nosso povo, renunciar às aparências de riqueza e à sua realidade, nada possuir em nosso próprio nome, confiar a leigos a gestão financeira de nossas dioceses, recusar todos os títulos que traduzem magnificência e poder, evitar em nossas relações sociais tudo o que possa significar privilégio, prioridade ou mesmo toda preferência concedida aos ricos e poderosos ..."

José de Broucker, no seu livro "D.Helder Câmara e o Concílio Vaticano II", conta como isso aconteceu, e a parte de D.Helder em tudo isso. D.Helder subscreveu o documento, naturalmente. Mas ele teve início num grupo de que faziam parte um padre franciscano chamado Paul Gauthier - seu principal inspirador -, o cardeal Lercaro, que era um prelado de grande destaque, os bispos Mercier, Grlier, o arcebispo de Medellín, entre outros.

No início, D.Helder não aderiu ao grupo. Achava que ele corria o risco de limitar-se a uma concepção romântica da pobreza, desvinculada de todo compromisso de erradicar a pobreza no mundo. Depois, ele aderiu. O programa apoiava-se em duas fórmulas. Uma delas, do padre Congar: "por uma Igreja servidora e pobre". Outra, de Mons. Mercier: "pobreza, mal a combater e espírito a conquistar". Elas dizem que, se é preciso ajudar a Igreja a reencontrar o caminho da senhora Pobreza, é necessário também colocá-la numa posição que permita combater o mal da pobreza.

Nesse contexto, imaginaram-se gestos simbólicos por parte dos padres conciliares. Sugeriu Mons. Mercier que eles deixassem em Roma seus crucifixos peitorais e voltassem para suas casas com cruces de madeira. Havia naquilo tudo um certo espírito de complô, que D.Helder adorava.

Um mês depois, eles desistem do complô. Como escreve D.Helder: "seria fácil, muito fácil e tentador, um gesto espetacular de 300 bispos. Seríamos seguidos, com mais ou menos espontaneidade, por aproximadamente outros mil; estaríamos sob os holofotes, nas passarelas. Nós, porém, deixaríamos na amargura nossos irmãos ainda não trabalhados

pela graça do amor à pobreza; haveria em nós o sério risco do farisaísmo - "nós não somos como esses pobres burgueses". Foi o que, sobretudo, me decidiu a advogar a paciência - que não é sinônimo de passividade, garanto que não. É a impossibilidade na qual se encontra o papa (mesmo o querido João XXIII) de se libertar da tiara, de romper com o Vaticano". Isso é bem D.Helder, o velho político.

E assim ele continuou a trabalhar, e esses documentos que agora vêm a público são a história fascinante de como ele conseguiu meter a sua colherinha em muita coisa que foi renovadora nos documentos finais do Concílio.

O Concílio acabado, D.Helder estava de volta a um Brasil em plena convulsão política. Depois da renúncia de Jânio Quadros, em 1961, veio o breve interregno janguista, que terminou com o movimento militar de 1964. Nessa mesma época, D.Helder era feito arcebispo de Olinda e Recife; e nesse posto, durante 20 anos, ele ia desenvolver uma complicada relação com os donos do poder.

No início, os choques não foram muito evidentes. D.Helder, por natureza, tinha uma infinita capacidade de convivência com o diferente, e até com o antagônico. Essa capacidade não só faltava do outro lado, como o esquema militar de 1964 ia aguçar sempre mais as suas arestas. Com o AI-5, vozes "dissonantes" como a de D.Helder não teriam mais nenhum espaço aberto para sua manifestação. A censura cai impiedosa sobre qualquer notícia que se referisse ao arcebispo de Recife, considerado perigoso e até subversivo.

D.Helder se dobra às circunstâncias internas. Mas não se considerava preso às mesmas limitações quando se tratava das viagens internacionais para as quais ele recebia constantes convites. Ele se torna uma personalidade mundialmente conhecida, e o que se sabe, hoje, é que ele foi um forte candidato ao prêmio Nobel da Paz, que teria fugido das suas mãos devido a articulações explícitas do Governo brasileiro.

No Brasil, o cerco se fechava cada vez mais. Ele não foi atingido diretamente - não haveria coragem para isso; mas um de seus assessores, o padre Henrique, foi brutalmente assassinado - crime cujo processo transcorreu sem que nada se definisse. No enterro do padre Henrique, acompanhado por uma multidão, D.Helder usou de todo o seu prestígio para evitar que incidentes maiores ocorressem. Só a força de sua personalidade fez com que a multidão, ao final da cerimônia, se dispersasse em silêncio, como ele mesmo pedira.

No plano internacional, houve o famoso discurso feito em Paris em 1970, em que ele não quis mais se calar quanto à existência da tortura no Brasil. Aquela famosa cena do Palácio dos Esportes teve muito de improvisado. D.Helder levava para a viagem uma palestra em que falava dos deveres da França face à trilogia da Revolução: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Mas, visitando o cardeal Marty, ele recebeu um apelo de pessoas que estavam em Paris, e que lhe pediam que não se calasse ante o que estava acontecendo no período mais duro da repressão. Ele, então, abandonou o discurso escrito, e fez a denúncia que tinha de ser feita.

Depois disso, o silêncio em torno dele se fez ainda mais espesso. E só começou a afrouxar com o início da distensão política.

Tudo isso ele carregou com a sua bonomia tradicional. Ele nunca se deixou vencer pela amargura. Mas a provação maior ainda estava por vir.

Naquele difícil período que vai dos anos 60 a meados dos 80, vivia-se o auge dos conflitos ideológicos. Havia, de todos os lados, a tentação das soluções radicais. Isso coincide com o clímax do que se poderia chamar de ciclo marxista na cultura moderna.

O pensamento eclesiástico não ficou imune a essas tendências. Mesmo dentro da Igreja, houve quem achasse que uma aproximação entre marxismo e cristianismo era não só possível como desejável. O desejo de mudar o mundo, de acelerar as transformações sociais, tornou para alguns atraente a visão marxista de uma luta de classes como caminho para essa transformação.

Desde 1978, estava no trono de São Pedro um papa que tinha vindo de um país comunista, e que não tinha ilusões quanto àquela suposta aproximação. João Paulo II não fechou as portas à Teologia da Libertação nem ao progresso social. Mas não queria confusão com o marxismo.

Tendo D.Helder chegado à idade em que os bispos se aposentam, sua renúncia à arquidiocese foi aceita pelo Vaticano; e para o seu lugar foi nomeado um prelado, D. José Cardoso Sobrinho, que recentemente voltou a sair do anonimato por uma conduta no mínimo imprudente no episódio do estupro de uma menina por seu próprio pai.

Na jurisdição de D.Helder, a Teologia da Libertação tinha progredido sobretudo no âmbito das Comunidades Eclesiais de Base; e expoentes dessa teologia não faziam segredo da naturalidade com que viam a entrada de conceitos marxistas na pregação e na prática dos cristãos.

D.José, no caso, agiu com a mesma sutileza agora evidenciada no caso da menina que abortou. Uma mão pesada caiu sobre toda a área de atuação de D.Helder como arcebispo de Recife e Olinda.

E é nesse momento, acho eu, que nós temos a verdadeira dimensão de D.Helder como homem de Igreja e como discípulo de Jesus Cristo. Isso está contado no livro admirável de Marcos de Castro, "D.Helder: misticismo e santidade". Escreveu o famoso padre Comblin sobre os acontecimentos daquela época: "Ele (D.Helder) tinha a maior devoção pelo papa, a devoção do povo tradicional pela figura branca de pai universal, ou talvez de avô de toda a humanidade; aquela devoção de santa Catarina de Siena, independente da personalidade do papa".

Nas visitas do papa ao Brasil, D.Helder encontrou-se com ele, e foi tratado com uma deferência toda especial. Ficou célebre a expressão "irmão dos pobres, meu irmão", que o papa pronunciou ao abraçar D.Helder em sua visita ao Recife, em 1980.

Mas o sofrimento foi grande. Que D.Helder vivenciou no mais completo silêncio, na sua casinha modestíssima do Recife, onde foi encontrá-lo o repórter Marcos de Castro. Marcos, que tinha o maior respeito pelo homem de ação D.Helder, surpreendeu-se ao encontrar

naquele último D.Helder a figura do místico, do homem de oração que acordava toda noite às duas da madrugada para rezar. E é com um trecho do livro de Marcos de Castro que eu gostaria de encerrar essas palavras.

"Fala D.Helder:

- Uma coisa maravilhosa ocorre quando Cristo, no Calvário, sofre aquelas injustiças tremendas. Porque pior do que matá-lo, foi a ignomínia de deixá-lo despido diante da multidão, cuspir no rosto do Cristo. Olhe que ter visto o Cristo deve ter sido uma coisa impressionante. Cada vez que a gente encontra, assim, um João XXIII, um Roger de Taizé, uma Teresa de Calcutá, a gente sente uma enorme responsabilidade por ter vivido alguns momentos ao lado de criaturas tão grandiosas. Imagine ver o Cristo! Ouvir sermões pregados por ele, ouvir parábolas contadas por ele! Assistir a milagres, a prodígios, feitos por ele! Repito, pior do que matar foi deixarem o Cristo nu, cuspirem no seu rosto. Pois bem, quando a gente pensa que ao menos aqueles que o deixaram nu e cuspiram em seu rosto vão ser esmagados, é maravilhoso ouvir o Cristo dizer: "Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem". Então, cada vez mais me convengo de que no mundo, muito mais do que maldade, existe é fraqueza, pois Cristo só viu naqueles homens fraqueza. Assim deve ser com a gente, a cada vez que se tem oportunidade de conhecer de perto uma criatura que nos parece uma fera, um horror, um monstro. De perto e, tanto quanto possível, de dentro. Não digo que a gente justifique (também nós não somos juízes, não podemos julgar). Mas a gente entende a fraqueza humana".
